



A construção de narrativas de vida no jornalismo literário¹

Clara Guimarães Alves de SOUZA²
Daniela Gonçalves SCHERMANN³
João Marcos Veiga de OLIVEIRA⁴
Livia Farnese Cordeiro de AGUIAR⁵
João Carlos Firpe PENNA⁶

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RESUMO

O presente projeto apresenta uma análise das fronteiras entre jornalismo e literatura na construção de relatos de vida. Para tanto, objetivou-se o estudo da teoria dos dois gêneros, além do exame das contribuições da literatura no exercício do jornalismo, mais especificamente, da prática do jornalismo literário. Com o desenvolvimento dessa pesquisa, foi produzido um romance-reportagem que contempla as teorias e técnicas do jornalismo e da literatura, a fim de propor uma linguagem que caminhe, a partir de uma visão estética conceitual, para o hibridismo das duas vertentes exploradas.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Literatura; Belo Horizonte; Histórias de Vida.

INTRODUÇÃO

Se há uma linha tênue entre a ficção e a realidade, que dirá a relação entre jornalismo e literatura. Alguns autores consideram o Jornalismo um gênero literário, como o escritor Antônio Olinto (1954), que hoje ocupa a cadeira número oito da Academia Brasileira de Letras. Outros, como o jornalista Carlos Heitor Cony (2005), afirmam que são expressões diferentes de um mesmo gênero, no caso o universo das letras. Já Edvaldo Pereira Lima (2004), um dos principais pesquisadores do tema no Brasil, afirma que, para se igualar à Literatura em qualidade narrativa, o Jornalismo teria de aperfeiçoar seu instrumental de expressão, sem deixar de lado o rigor de captação do real.

O presente projeto pretende investigar a relação entre os dois gêneros e propor, a partir de um romance-reportagem, uma linguagem que seja abrangente a ambos. Para tanto, partir-se-á de uma revisão bibliográfica sobre o jornalismo, a literatura e o jornalismo

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

² Estudante do 8º Semestre do Curso Jornalismo, email: claraguimaraes@gmail.com.

³ Estudante do 7º Semestre do Curso Jornalismo, email: danischermann@yahoo.com.br.

⁴ Aluno líder do grupo, formado no Curso Jornalismo em julho de 2008, email: joamarcosveiga@yahoo.com.br.

⁵ Membro do grupo, formada no Curso Jornalismo em julho de 2008, email: livia_farnese@yahoo.com.br.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: jcpenna@uol.com.br.



literário, para criar bases para a realização de um produto híbrido – um livro cuja linguagem satisfaz tanto o padrão literário quanto o jornalístico de escrita.

Mais do que tentar achar definições, pretende-se, aqui, analisar as fronteiras entre os gêneros para a compreensão das contribuições que podem ser úteis para uma informação mais abrangente e de maior qualidade aos leitores. Desta forma, esbarra-se no objetivo acadêmico de levantar questões sobre o controverso jornalismo literário e produzir um livro que consiga mostrar de maneira concreta como a literatura pode se unir ao jornalismo. A temática do romance-reportagem gira em torno de 24 horas das vivências de doze personagens reais e distintos no cotidiano de Belo Horizonte. Relato que transita entre ficção e realidade e que, ao mesmo tempo, revela aspectos e histórias desprezadas nas páginas dos jornais, preservando o fator informativo e prazeroso da leitura.

OBJETIVO

I. GERAL

Analisar as fronteiras entre jornalismo e literatura na construção de relatos de vida, a fim de desenvolver um romance-reportagem baseado em narrativas que explorem as fronteiras de histórias de vida, história oral, perfil e biografia.

II. ESPECÍFICOS

- Estudar teorias dos dois gêneros: literatura e jornalismo
- Analisar as contribuições da literatura no exercício do jornalismo, mais especificamente, da prática do jornalismo literário
- Avaliar diferentes técnicas de apuração para a construção de um romance-reportagem
- Analisar, estudar e desenvolver novos tipos de narrativas para a construção de um romance-reportagem que abranja os diferentes estilos de escrita
- Produzir um romance-reportagem sobre narrativas de vida a partir de teorias e técnicas analisadas

JUSTIFICATIVA

Os modelos de textos jornalísticos são, de uma forma geral, marcados por um padrão pré-estabelecido e superficial, seja em termo de critérios, estilo ou construção. A pressa para se produzir notícias resulta em textos que não atraem o leitor interessado em



narrativas aprofundadas e ricas em detalhes. Por isso, reportagens de fôlego têm pouco espaço nos meios de comunicação, assim como relatos de experiência de vida perderam a relevância em um jornalismo cada vez mais pautado por regras comerciais. A corrida contra o tempo no jornalismo cria, portanto, uma mediação ainda mais “invasiva”, à medida que o fato não sofre somente as interferências do interlocutor, mas também das empresas.

Com a consolidação dos grandes conglomerados de comunicação, estabeleceu-se um nivelamento dos discursos, renegando a riqueza de possibilidades e de perspectivas dentro de uma produção jornalística. Nesse sentido, é importante considerar as diversas vozes que integram um texto. Nenhum conteúdo, segundo Bakhtine, é isento de outras “vozes” anteriores – seja ele um romance ou uma crônica jornalística –, que darão substância e base para novas obras. A idéia de que um texto jornalístico é neutro torna-se impertinente nessa perspectiva.

Daí a importância que o jornalismo tem de resgatar a memória de personagens e fazer com que haja interação entre leitores, personagens e mediadores. O fato de se conhecer – e divulgar – a memória pessoal vai além de uma simples retrospectiva das lembranças de alguém, pois toca em um ponto que acaba sendo comum à sociedade, funcionando como um agente que acaba informando as pessoas. Nessa perspectiva, acredita-se que o romance-reportagem produzido consiga cumprir o papel de resgatar histórias interessantes, que estejam perdidas em meio a tantas informações urgentes, e criar um processo de identificação e verossimilhança com o leitor.

O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa – contos de fada, lendas e mesmo novelas – é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (BENJAMIN, 1994, p.201).

Por seguir estruturas de captação e veiculação da notícia, a liberdade do jornalista é pequena. Já na literatura, o tempo estendido induz a uma maior identificação e envolvimento com a trama, enquanto no jornalismo busca-se ao máximo a concisão.

Com o jornalismo literário, abrange-se a literatura prazerosa sem que se perca a conexão com o real. Porém, tal proposta não chega às pessoas que acompanham o noticiário cotidiano, esvaziando-se o poder informativo dessa perspectiva híbrida, como os relatos de vida, neste se incluem biografias, perfis, histórias de vida e história oral.

O interesse pelos estudos do jornalismo literário tem se mostrado constante, prova disso é a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Literário, que tem Edvaldo Pereira Lima e Sérgio Vilas Boas entre seus idealizadores. A associação em questão visa o



desenvolvimento de técnicas e metodologias que contribuam para a produção comunicacional e para o incentivo de sua constante recriação e expansão.

A produção de um romance-reportagem, baseado na pesquisa teórica e na busca por métodos de apuração e escrita, por sua vez, ilustra o ideal de construir uma narrativa diferenciada. Assim, pretende-se contar histórias – geralmente despercebidas, porém de relevância social e informativa – de um modo a estabelecer uma contra-partida ao jornalismo tradicional, marcado por textos maçantes e sem espaço para a criatividade. A intenção, portanto, é conduzir o leitor por um cotidiano invisível que o rodeia, porém sob nova perspectiva. Esta a serviço do jornalismo conjugado ao olhar subjetivo e estimulador da reflexão. No texto “O Narrador”, Benjamin (1994) desenvolve uma crítica ao noticiário, apontando raciocínio semelhante.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (BENJAMIN, 1994, p.203)

Quando o jornalismo se prepõe a contar histórias, geralmente opta-se pelo excêntrico, e não para narrativas cotidianas simples e, ao mesmo tempo, reveladoras. Ecléa Bosi, na introdução do livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, ressalta a importância de se registrar a voz e a vida de pessoas comuns. No caso desta produção, a autora foca a pesquisa em entrevistas com idosos residentes na cidade de São Paulo. O romance-reportagem decorrente da presente pesquisa tem intenção parecida. Sobre o livro, ela diz que: “Este registro alcança uma memória pessoal que, como se busca mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal. Desde sua concepção o trabalho situava-se, portanto, naquela fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura [...]”. (BOSI, 1994, p. 37)

Tal proposta já foi amplamente explorada por tendências como a Literatura Realista e o Novo Jornalismo. Neste, pela primeira vez na história do jornalismo, a reportagem adquiria uma dimensão estética. Tornou-se possível escrever um fato jornalístico com riqueza de detalhes, diálogos e técnicas que até então só eram utilizadas para escrever textos literários. E mais que isso:

O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, dentro

de um espaço relativamente curto... para exercitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor. (WOLFE, 2005, p. 28).

Essa incessante procura por novos caminhos se mantém atual ainda hoje, como forma de enriquecer as narrativas e a fim de dar conta de uma “realidade” cada vez mais multifacetada, fragmentada e dinâmica, que não encontra correspondente nas páginas de jornal. Para ir ao encontro da estética definida para esse projeto, o romance-reportagem apareceu como uma proposta de hibridismo entre jornalismo e a literatura. A prática de narrar histórias e agrupá-las de forma coerente traduz e se encaixa neste formato, que engloba o romance como narrativa.

Considera-se que o romance-reportagem produzido tem relevância social e acadêmica, a partir do momento em que agrega valores de conhecimento e interesse público. E ao agregar histórias reais em uma seqüência temporal arbitrária, é mostrado o potencial narrativo de uma cidade, suas características cíclicas e ímpares, que ganham forma em vozes desprezadas pelo jornalismo, agora ordenadas pelo olhar do grupo.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O livro narra 24 horas na cidade de Belo Horizonte, através das histórias de vida de doze diferentes personagens, pessoas reais entrevistadas em profundidade. Ao longo da obra, eles se revezam em fragmentos de 15 minutos de um dia contínuo, contam onde estão naquele momento, o que estão fazendo e o que estão pensando. Essas ações narradas mesclam elementos verídicos – amparados pelas entrevistas e apurações – e elementos ficcionais, presentes na perspectiva do agrupamento temporal das narrativas, recriação de cenas (tendo como base as características dos personagens) e descrições subjetivas e literárias por parte dos autores.

O produto final foi realizado em dois níveis metodológicos: o primeiro relaciona-se diretamente ao processo de apuração, realizado com técnicas características do jornalismo investigativo. Em segundo lugar, estão os métodos de escrita, que fazem uma aproximação com a literatura e com o romance, e que dão seqüência à trama.

No primeiro nível metodológico, utilizou-se das técnicas jornalísticas para recolher o material necessário para a escrita do conteúdo. A primeira ação, antes do início das apurações, foi a produção de um roteiro comum a todos os entrevistados. A base consistiu nos modelos de perguntas elaborados por Paul Thompson no livro “A voz do passado: História Oral”. Segundo ele, perguntas que “[...] não constituem um questionário, mas um

esboço de orientação para o entrevistador”. (THOMPSON, 1998, p.367). O roteiro serviu de base, mas não limitou as entrevistas. O repórter deixou-se guiar, muitas vezes, pela vontade do entrevistado de aprofundar em determinados assuntos, a fim de obter um depoimento natural. Além de definir o estilo da entrevista, o roteiro se mostrou eficaz para colher informações e facilitar a identificação de pontos comuns nas vidas dos entrevistados.

Para Cremilda Medina (1986), a melhor forma de entrevista é aquela que se assemelha ao diálogo, pois só assim é possível passar para o público emoção, autenticidade e identificação, além de, muitas vezes, conseguir aprofundar o resultado. Segundo o jornalista argentino Jorge Halperín (1995), a entrevista é a mais pública das conversas privadas, já que segue todas as regras do diálogo íntimo, como proximidade, espontaneidade e intercâmbio de idéias, e, no entanto, tem sempre uma intenção voltada para a esfera pública. Este foi o teor da condução das entrevistas.

Outro suporte para a construção do livro foi a observação participante. A técnica foi introduzida pelos antropólogos no estudo das chamadas sociedades primitivas e, no jornalismo, começou a ser utilizada na década de 60, no auge do Novo Jornalismo norte-americano, que culminou em uma grande produção de livros-reportagem, com relatos carregados de subjetividade e impressões daqueles que escreviam:

Os inovadores da imprensa [...] descobrem que não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade, presença. Isto é, com mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver, na pele, as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens. (LIMA, 2004, p. 122)

É inegável que, ao apurar e redigir uma história, o profissional está impregnado por suas impressões e vivências. A participação, portanto, é algo inerente a qualquer apuração, e ao ser impressa em um texto jornalístico, confere ao mesmo um caráter literário, pois foge dos padrões duros do jornalismo.

Com as entrevistas prontas, passou-se ao segundo nível metodológico: a escrita. A redação paira entre o estilo jornalístico e o literário e assume características ficcionais, em meio às histórias verídicas. A forma como se vê isto no romance-reportagem é sutil, de tal forma que o leitor não consegue distinguir o que é de fato real e o que é ficcional.

A partir do perfil estabelecido para a narrativa, encontrou-se embasamento nas histórias de vida. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2002), “histórias de vida são narrativas centradas em indivíduos ou grupos sociais, cujo objetivo é elucidar situações e questões bem demarcadas, prioritariamente interessadas em focalizar a participação humana no desenrolar da história contemporânea em movimento.” (LIMA, 2002, p. 99).

A partir de relatos de vida é possível reconstruir, entender e analisar a trajetória de determinado ambiente ou grupo social.

Narrativas assim nos ajudam a desemaranhar o caos do mundo. Do nascimento à infância, da infância à adolescência, da adolescência à maturidade, da maturidade à velhice, o ciclo da vida humana tem começo, meio e fim. Nossa história é formada por cenas e mais cenas, tudo encadeado. Nos relacionamos com o mundo narrativamente, com personagens, cenários, ações, tramas. Nada mais natural, então, do que entendermos o mundo narrativamente também. (CASATTI, 2007)

Outro importante elemento é o tempo na narrativa. Segundo Nunes (1988), a possibilidade de transitar entre o passado e o presente e ir ao futuro, num movimento de transcendência e sem que essas dimensões possam se separar, faz do homem um ser histórico. E, conseqüentemente, dá origem a diversas espécies de tempo, com formas distintas de se apresentar. O tempo ocupa papel fundamental na narrativa, transitando, segundo Benedito Nunes (1988), entre a realidade e o imaginário.

Assim, o livro produzido agrupou todas as narrativas dentro da perspectiva de 24 horas passadas em Belo Horizonte, abrangendo o tempo “real” (horas do dia) e o tempo psicológico (lembranças e descrições). Nesse intervalo, percebe-se a transformação da cidade (trânsito, turnos do dia, ritmo), toma-se conhecimento de histórias que circulam despercebidas pelo local e, a partir disso, passa-se a conhecer as diferentes nuances de um mesmo lugar, evidenciadas pela memória e narrativa dos personagens. Tudo isso em um formato que abrange o imediato da ação e perspectivas subjetivas.

Ao ditar um ritmo marcado pela narrativa fragmentada em pequenos intervalos centrados em um único personagem, é possível estabelecer uma relação com o conto, já que cada trecho tem uma unidade em si, com um núcleo narrativo independente. E o próprio livro não apresenta desfecho, mas evidencia o caráter cíclico do dia e a riqueza de histórias presentes nesse intervalo.

A escolha dos doze personagens foi feita com base nos seguintes pré-requisitos: a pessoa deveria residir em Belo Horizonte e ter uma profissão que se encaixasse em algum dos quatro turnos do dia (manhã, tarde, noite e madrugada), além de ter uma história de vida interessante. Com isso, foi possível agrupar os personagens em uma unidade de tempo e lugar, em uma trama em que cada um tem seu lugar definido. O agrupamento destas histórias de vida dita a dinâmica da história, que trata da relação das pessoas com a cidade, com o trabalho, com o tempo e com as lembranças pessoais.

Ao final do livro, o leitor tem a visão de um dia completo na capital mineira. Através da narrativa de doze personagens, o leitor irá se identificar, se surpreender e

perceber como pessoas diferentes têm sentimentos e expectativas semelhantes, e como as vivências de cada um passam despercebidas na correria da cidade grande. Mostra-se, assim, que qualquer pessoa pode ser o personagem central de uma história, e que essas histórias vivem se esbarrando nas grandes cidades. Daí o nome do livro: “Você está aqui”. Ao final da leitura, passa-se a conhecer mais sobre a cidade que, sob certo ponto de vista pode ser entendida como a protagonista do livro. Tráfico de drogas, comércio, preconceito, violência, trânsito, esporte, religião: temas que naturalmente emergem com a narrativa.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto final é apresentado em forma de livro, com 118 páginas e projeto gráfico personalizado, concebido a partir de três princípios explorados ao longo da narrativa: a cidade, o tempo e o efêmero pessoal/impessoal. O desenvolvimento do projeto gráfico não tem função apenas estética, mas também conceitual para a mensagem pretendida. Os pequenos perfis no início do livro, acompanhados de uma foto, orientam sobre os personagens que aparecerão na obra (em um formato semelhante ao que aparece em sites). A cidade está representada na capa, literalmente, por uma foto de satélite da região central de Belo Horizonte, que é o pano de fundo das histórias. Contudo, poderia ser qualquer centro urbano, o que deixa a peça com um caráter universal.

Este ambiente metropolitano também é explorado no interior, pois todas as páginas têm como marca d'água um mapa, que é o caminho que o leitor /flâneur faz ao longo da narrativa. O formato do livro (quadrado) foi pensado em quadrantes de um mapa, com suas coordenadas. O tempo está presente nos círculos de marcação ou spots comuns em mapas de localização. Os vários pontos de diferentes tamanhos na capa remetem às diversas possibilidades de discurso presentes na cidade, as realidades paralelas que coexistem. Nesse sentido, o leitor pode, a cada momento, descobrir uma nova narrativa estando em um espaço diferente ou tempo diferente.

Finalmente o fator efêmero/impessoal/pessoal é expressado pela capa protetora em papel vegetal que é descartável. O leitor ganha também, internamente, uma folha de adesivos com pontos. Assim este pode reconfigurar os pontos na capa da maneira que quiser e criar um novo trajeto com novas histórias a cada dia. E as fotos, com tratamento sépia, passam a idéia de distanciamento, tal qual personagens reais que perdem o contorno pela fumaça do cotidiano, tornando-se ficcionais. Portanto, para entender a proposta do projeto, é essencial considerar o desenvolvimento estético do produto.

Em relação à redação dos textos, optou-se por uma narrativa escrita por quatro autores, em que cada um destes conta a história de três personagens. Para que se conseguisse uma unidade textual, foram criadas algumas regras que guiassem o processo de elaboração dos textos. Em primeiro lugar, decidiu-se que as histórias seriam contadas de duas formas diferentes: passagens com as falas literais dos personagens – que aparecem em forma de *flashbacks* e funcionam como lembranças dos entrevistados – e passagens que são narradas pelos autores do livro – o ambiente, as reações e as emoções. Nesta última, deu-se vazão a subjetividade.

Desta forma, criou-se uma logística para a escrita e a disposição dos personagens em relação aos horários em que apareceriam no decorrer das 24 horas do dia. Além disso, como o trabalho e a rotina de cada personagem variam em relação ao horário, o posicionamento e encadeamento de cada um em um horário específico teve importância decisiva para a seqüência da história.

CONSIDERAÇÕES

No texto “O narrador”, Walter Benjamin discorre sobre a importância da narrativa num momento em que a capacidade comunicativa do ser humano torna-se cada vez mais ineficaz. Para ele, a experiência de narrar está em extinção e cada vez menos pessoas sabem fazer isso. E no jornalismo atual não é diferente. A pluralidade de opiniões e visões de um mesmo lugar ficaram dependentes dos critérios de noticiabilidade, das agências e das assessorias de imprensa. Nesse sentido, as fontes passaram a ser julgadas pela importância numa sociedade hierarquizante, e não pelo que representam no dia-a-dia de um ambiente. Ao analisar ferramentas próprias do jornalismo tradicional – como processo de apuração e técnicas de entrevista, assim como as fragilidades dessa prática – e as características da literatura – aprofundamento descritivo, linguagem mais criativa – o grupo percebeu a possibilidade de um produto híbrido. Um texto que transite pelos dois campos, sem que nenhum deles perca participação.

Tal experiência pode ser observada tanto na prática do jornalismo aliado a técnicas literárias (Novo Jornalismo) quanto na literatura fortemente amparada pela realidade (Realismo Literário). O presente projeto caminha no sentido de revisitar essas propostas e, sobretudo, estimular a criação conjugado ao bom jornalismo. É visível que romances-reportagem que utilizam de certas técnicas ficcionais e literárias perderam espaço como



produto informativo. O livro apresentado busca retomar esse merecido lugar do jornalismo literário e mostrar seu potencial de estimular o leitor a conhecer o espaço que o circunda.

A partir das pesquisas conduzidas pelo grupo, concluímos que este formato, sem a mera ambição de esgotar o assunto, pode revelar o próprio espaço no qual circulamos que, ao contrário do que se percebe nos jornais, pode ser visto de diferentes pontos de vista e entendido de maneiras distintas, a partir das histórias de vida das pessoas que circulam por esse ambiente.

Além disso, consideramos fundamental a jornalistas e comunicadores a busca de novas maneiras de se desenvolver narrativas. Possibilidades que enriquece, amplia e diversifica o entendimento do espaço multifacetado no qual transitamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: **Obras escolhidas de Walter Benjamin**. V. 1., São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

CASATTI, Denise. **Narrar para diversificar**. Texto Vivo. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br/denise.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2008.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática. 2004.

HALPERÍN, Jorge. **La Entrevista periodística**: intimidades de la conversación pública. Buenos Aires: Paidós, 1995. 296p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3. ed. rev. e atual. Barueri: Manole, 2004. 371p.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986. 96p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 385p.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 245p.